

FUNDAÇÃO  
GETULIO VARGAS

## CONJUNTURA

### Metas sociais VII

O debate cotidiano circunscrito ao “piorou ou melhorou” poderia incorporar a velocidade do progresso social. Em particular, o governo poderia se comprometer com a trajetória de indicadores sociais, da mesma forma que o faz com metas inflacionárias. O IDH da ONU goza da comparabilidade internacional desejável ao sistema de metas. A criação de novos indicadores é indesejável. A ampla divulgação do IDH empresta visibilidade e credibilidade às metas. O governo não usaria o IDH composto mas seus componentes, aí incluindo a esperança de vida ao nascer, o analfabetismo e a taxa combinada de matrícula nos três níveis de ensino. Os componentes são mais simples do que os índices agregados, além de evitar ponderações arbitrárias. A mudança básica sugerida em relação ao IDH seria a troca do PIB *per capita* por um índice de pobreza. O PIB já faz parte da análise cotidiana e não adicionaria valor ao debate. Neste caso a inovação sugerida seria favorável aos miseráveis. O índice de pobreza denominado de hiato quadrático de pobreza (P2) confere mais peso aos mais pobres que a proporção de pobres (P0). Se o objetivo fosse a redução do P0, existiriam incentivos espúrios para a adoção de políticas focadas no segmento logo abaixo da linha de pobreza e não nos mais miseráveis. Além desse viés, o foco das políticas seria bastante sensível à escolha arbitrária da linha de pobreza. No caso do P2, independentemente da linha arbitrada, a prioridade é sempre voltada àqueles com menor renda. Apesar da maior simplicidade do P0, os caminhos da política de combate à pobreza estão melhor definidos com o P2. Nesse caso teríamos uma espécie de ascensor social que partiria da renda zero.

Marcelo Côrtes Neri – Instituto Brasileiro de Economia/FGV